

Divulgação



Dira paes e Stepan Nercessian revivem os programas da era de ouro do rádio em 'Ary'

Ary, meu Ary brasileiro

Documentário de André Weller combina imagens raras e dramatizações para recontar a trajetória do compositor de 'Aquarela do Brasil'

Por Affonso Nunes

Ary Barroso já era um compositor consagrado em 1939 quando, numa tarde chuvosa em que se viu preso em casa, começou o experimentar acordes ao piano. A melodia e letra saíam prontas em cerca de dez minutos e o mineiro de Ubá acabava de criar 'Aquarela do Brasil', uma espécie de "Rhapsody in Blue", de George Gershwin (1898-1937), só que (muito) brasileira. Essa é uma das histórias trazidas à tela em "Ary", documentário de André Weller que fez sua estreia mundial em concorrida sessão no último domingo no Festival do Rio.

A genialidade criativa de Ary Barroso (1903-1964), um dos pilares fundamentais da música brasileira, e sua trajetória artística e pessoal é apresentada numa narrativa que mescla imagens de arquivo do músico, compositor e radialista com algumas dramatizações. Conduzido pela voz marcante de Lima Duarte, que empresta sua interpretação para dar vida aos próprios textos e entrevistas de Ary Barroso, o documentário é costurado por canções como "No Rancho Fundo" (parceria com Lamartine Babo), "Na Baixa do Sapateiro" e "Camisa Amarela" e outror marcos de brasilidade, além da própria "Aquarela do Brasil", que levaria Ary à fama em Hollywood e uma indicação



Divulgação

Ary Barroso fez história na música brasileira e também no rádio ao apresentar o famoso programa de calouros que revelou Luiz Gonzaga

ao Oscar graças à trilha sonora que compôs para "Alô, Amigos" (1942), dos Estúdios Disney.

Para muitos, "Aquarela do Brasil" não passa de um samba ufanista que serviu de propaganda à ditadura varguista no Estado Novo. Mas não é bem assim. Sua letra destaca a miscigenação racial como elemento central da identidade brasileira. Versos como "Ô, abre a cortina do passado, tira a mãe preta do cerra-

do, bota o rei congo no congado" convidam o país a reconhecer e assumir suas raízes africanas. Já o verso "terra de samba e pandeiro" levou o compositor a se explicar aos censores do temido DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), o órgão de censura de Vargas.

A narrativa em primeira pessoa permite ao público acompanhar a jornada de Ary desde os primeiros anos em Minas Gerais até a consa-

gração no Rio de Janeiro, incluindo o período em que ganhou a vida como pianista no Cine Íris e no Teatro Carlos Gomes executando trilhas de acompanhamento para filmes do cinema mudo. Foi a maneira que encontrou para se manter depois que o dinheiro que ganhou da família para se cursar Direito na capital federal se esvaiu.

A pesquisa de arquivo realizada pela produção revela material inédito de valor enorme histórico, incluindo registros do Museu da Imagem e do Som, da Paramount e dos próprios arquivos Disney. Entre as descobertas mais significativas estão imagens dos encontros entre Ary e Walt Disney, além de registros únicos ao lado de Carmen Miranda, documentando momentos cruciais da expansão da música brasileira no cenário internacional. O filme também incorpora registros familiares íntimos, como cenas no sítio em Araras (RJ) e o casamento da filha Mariúza.

As reencenações, protagonizadas por um elenco que inclui Dira Paes, Stepan Nercessian, Leo Jaime e Alan Rocha, revisitam momentos como o famoso programa radiofônico Calouros em Desfile nos quais o compositor revelou talentos como Luiz Gonzaga e Elizeth Cardoso, mas gongou sem piedade - até com humor ácido - os candidatos menos talentos.

Além de descobridor de novos artistas, Ary foi um poderoso formador de opinião tanto no que se relacionava quanto ao próprio futebol - era torcedor fanático do Flamengo e até jogos de futebol chegou a narrar.

Cineasta com trajetória consolidada no documentário musical brasileiro, André Weller traz para "Ary" a experiência acumulada em obras premiadas como "No Tempo de Milton" e "Rubem Braga: Olho as Nuvens Vagabundas". A direção de fotografia de Lula Carvalho, profissional renomado por trabalhos em "Bingo: O Rei das Manhãs" e "Tropa de Elite", é um capítulo à parte.

"Ary" volta a ser exibido no Festival do Rio em sessões nesta quinta-feira (9), às 13h45, no Cinesystem Belas Artes 5, e sábado (11), às 16h, no Cine Santa Teresa.